

OPINIÃO

SEM O TRANSPORTE SOCIAL

Esgotadas as nossas tentativas por um transporte efetivo e de pleno direito junto a Câmara Municipal de Bauru, Emdurb e Secretaria da Assistência Social, a Apiece Bauru vem noticiar que aproximadamente 40 (quarenta) usuários do Centro Dia para pessoas com deficiências em situação de vulnerabilidade social da nossa cidade não têm transporte de suas casas até a entidade, ou vice-versa.

O segmento responsável pela parceria para execução do Serviço é a Secretaria da Assistência Social, que oferta o Programa de Passe Acompanhante da Pessoa com Deficiência e o Passe Gratuidade de transporte Coletivo, ambos ineficazes, já que nossos usuários não possuem higidez mental para irem até o ponto de ônibus, identificar rotas, e nem acompanhantes. A falta de conhecimento das autoridades responsáveis sobre o “modus vivendi” dos nossos vulneráveis impede que se faça o que a Lei determina.

In verbis, o Inciso IV, do artigo 203, da Carta Magna de 1988: “a habilitação e reabilitação das pessoas portadoras de deficiência e a promoção de sua integração à vida comunitária.” E os recursos são oriundos do orçamento da Seguridade Social, conforme artigo 195 da mesma Carta. Com a esperança do acolhimento e tranquilidade dessas famílias excluídas.

● **Professora Catarina Carvalho** - Apiece Bauru

PAÍS DOS PENDURICALHOS

No conchavo entre os três poderes em acabar ou reduzir os penduricalhos, são adeptos “do que eu posso obter do meu país” com “direitos adquiridos”, são pesadelos para os brasileiros comuns. Assim, acabar com o fura teto jamais acontecerá. No Brasil dos 90 milhões que abominam carteira assinada para não perder o auxílio social, também fazem parte do grupo unido para não perder seus invejáveis penduricalhos. Felizmente aqueles que “o que eu posso fazer pelo meu país”, mesmo insatisfeitos, sustentam a classe das mordomias com penduricalhos e dos que odeiam carteira assinada.

● **Humberto Schuwartz Soares**

IA: Quem controla os controladores?

RICK SCHWARTZ

Durante décadas, o conceito de inteligência artificial foi tratado como ficção e permeava nossa sociedade sob o prisma do imaginário. Hoje, em um salto de 4 anos, ela está silenciosamente incorporada ao cotidiano de toda a humanidade.

Algoritmos determinam o que vemos nas redes sociais, quais notícias chegam até nós, que músicas ouvimos e até mesmo quando alguém solicita um carro por aplicativo; o algoritmo decide com base em probabilidade de aceitação, tempo estimado e histórico de desempenho.

Eles não possuem consciência, mas possuem algo igualmente útil e poderoso: a capacidade analítica de prever o nosso comportamento.

Quando abrimos as redes sociais, não estamos navegando em um espaço neutro, estamos atravessando um filtro algorítmico que prioriza conteúdos com maior probabilidade de manter nossa atenção na tela. O que é apresentado como uma grande vantagem, carrega um efeito social mais complexo do que parece.

O algoritmo aprende nossas preferências, muitas das quais estão rela-

cionadas ao nosso perfil psicológico e biológico. Nesse campo estão as nossas inclinações políticas, nossos problemas de saúde e fragilidades emocionais. Toda essa espiral de informações passa a reforçar padrões.

No mercado global, sistemas de IA já participam de decisões financeiras. Plataformas como a Amazon ajustam preços dinamicamente conforme demanda, localização e perfil de consumo.

Em 2018, no campo político, veio à tona o caso da Cambridge Analytica, que utilizou dados do Facebook para influenciar campanhas políticas, evidenciando como informações coletadas por meio das redes sociais podem ser usadas para segmentar mensagens eleitorais. O dado se tornou insumo de estratégia e micro direcionamento de massas.

Outro exemplo são as chamadas Big Techs, que concentram a capacidade de processamento e armazenamento de dados. Empresas como Meta, Google, Amazon e Microsoft monopolizam a controladoria de serviços essenciais: busca, nuvem, comunicação, armazenamento e publicidade.

A inteligência artificial é absoluta no gerenciamento em larga escala: quanto mais preciso, maior a vantagem compe-

titiva. A discussão atual não é sobre máquinas conscientes dominando o mundo. É sobre sistemas automatizados influenciando decisões humanas globalmente. E a grande reflexão que fica é: quem faz a regulação desses sistemas? Como proteger a privacidade e a autonomia individual? As leis referentes à IA que já vemos implementadas na União Europeia são suficientes?

O futuro aponta para sistemas cada vez mais integrados à estrutura social e eficientes, porém, invisíveis e difíceis de auditar. A tecnologia seguirá evoluindo e essa vigilância velada se enraizando cada vez mais nos dispositivos do dia a dia.

Vivemos um momento histórico em que a inteligência artificial não é mais hipótese distante e aqueles que detêm os dados, detêm capacidade de influenciar, modelar e definir o comportamento coletivo. A pergunta não é se a IA controla. A pergunta é: quem controla a IA? E, sobretudo, quem controla os controladores?

● **O autor** é entusiasta da área de tecnologia, escritor e autor do livro “Future Rising: A Sétima Máquina”, ficção científica de atmosfera cyberpunk que aborda IA, poder algorítmico e os limites do livre-arbítrio humano

A bio diz “Doutor”, o seguidor é uma “vítima”

GREGÓRIO JOSÉ

Há uma praga moderna que não usa jaleco manchado de sangue, mas jaleco bem passado para foto de perfil. Ela não ronda hospitais; ronda algoritmos. Não atende em plantão; atende em stories. São os falsos médicos, falsos especialistas, doutores de mentira, que descobriram que, no Brasil das redes sociais, título não precisa de diploma, precisa de engajamento.

Antigamente, o charlatão vendia elixir em praça pública. Hoje ele vende fórmula mágica com link na bio. Promete emagrecimento sem esforço, cura sem tratamento, juventude sem tempo e felicidade em cápsulas. Fala difícil, escreve “cientificamente”, assina como Dr. e pronto: nasce mais um salvador digital da pátria, sem residência, sem especialidade, sem responsabilidade.

O mais trágico é que dá errado quase sempre. Corpos deformados, rostos destruídos, órgãos comprometidos, vidas interrompidas. O que era promessa vira

processo judicial; o que era esperança vira luto. Mas aí já é tarde. O influenciador troca de perfil, apaga vídeos, muda o discurso e segue vendendo cursos sobre “como ajudar pessoas”. Há algo de profundamente cruel nisso. Porque o charlatão moderno não vende só produto: vende esperança. E esperança, quando falsificada, mata. Mata devagar, mata com sorriso, mata com depoimento comprado e antes-e-depois fraudado.

O disparate chega ao cúmulo de muitos assinarem como doutores sem o serem, especialistas sem jamais terem passado por uma residência médica, esse rito silencioso, duro, longo, que não rende curtidas, mas salva vidas. A residência não dá glamour. Dá cicatriz. E é exatamente por isso que ela importa.

No meio desse mercado de ilusões, vale repetir como quem repete uma oração de sobrevivência: é sempre bom buscar conhecimento, porque especialistas de redes sociais existem aos montes, oferecendo soluções fáceis, produtos milagrosos e serviços muitas vezes fictí-

cios. Eu aprendi que, para saber se meu médico é realmente especializado, não basta confiar no que ele diz ou no que aparece nas redes sociais. Eu busco informações seguras no RQE (Registro de Qualificação de Especialista), junto ao CRM do meu estado.

Pode parecer detalhe burocrático. Não é. É linha que separa ciência de picaretagem, cuidado de aposta, medicina de espetáculo. Porque saúde não é palco. Corpo humano não é teste. E vida não é audiência. E se Nelson Rodrigues estivesse vivo, talvez dissesse, com aquela crueldade lúcida que lhe era própria, “o Brasil não é um país de médicos ruins.

É um país onde o charlatão descobriu que a mentira, quando bem iluminada, parece verdade.”

No fim das contas, o futuro não passa por milagres, passa por seriedade. E seriedade, convenhamos, não cabe em reels de 59 segundos.

● **O autor** é jornalista/radialista/filósofo

COMECE
SEU DIA
COM

CIDADE
360°

Jornal da Cidade 96 JCNET

Informação
análise e
opinião
em todos
os ângulos

Assista pelo Canal do
YouTube do
Jornal da Cidade
JCNET | 96FM
e outras redes sociais

De Segunda
a sexta-feira,
das 6h às 8h

Acesse
aqui
nossa
página

GUANDA
BATERIAS

renova
INVEST

Acreditando na futura
BRAMBILLA

GRUPO
BIOGS
AMBIENTAL

ENGENHARIA E CONSULTORIA
GESTÃO DE RESÍDUOS

INSTITUIÇÃO
TOLEDO DE
ENSINO

CONFIANÇA

BURANELLOS
Assessoria em Comércio Exterior